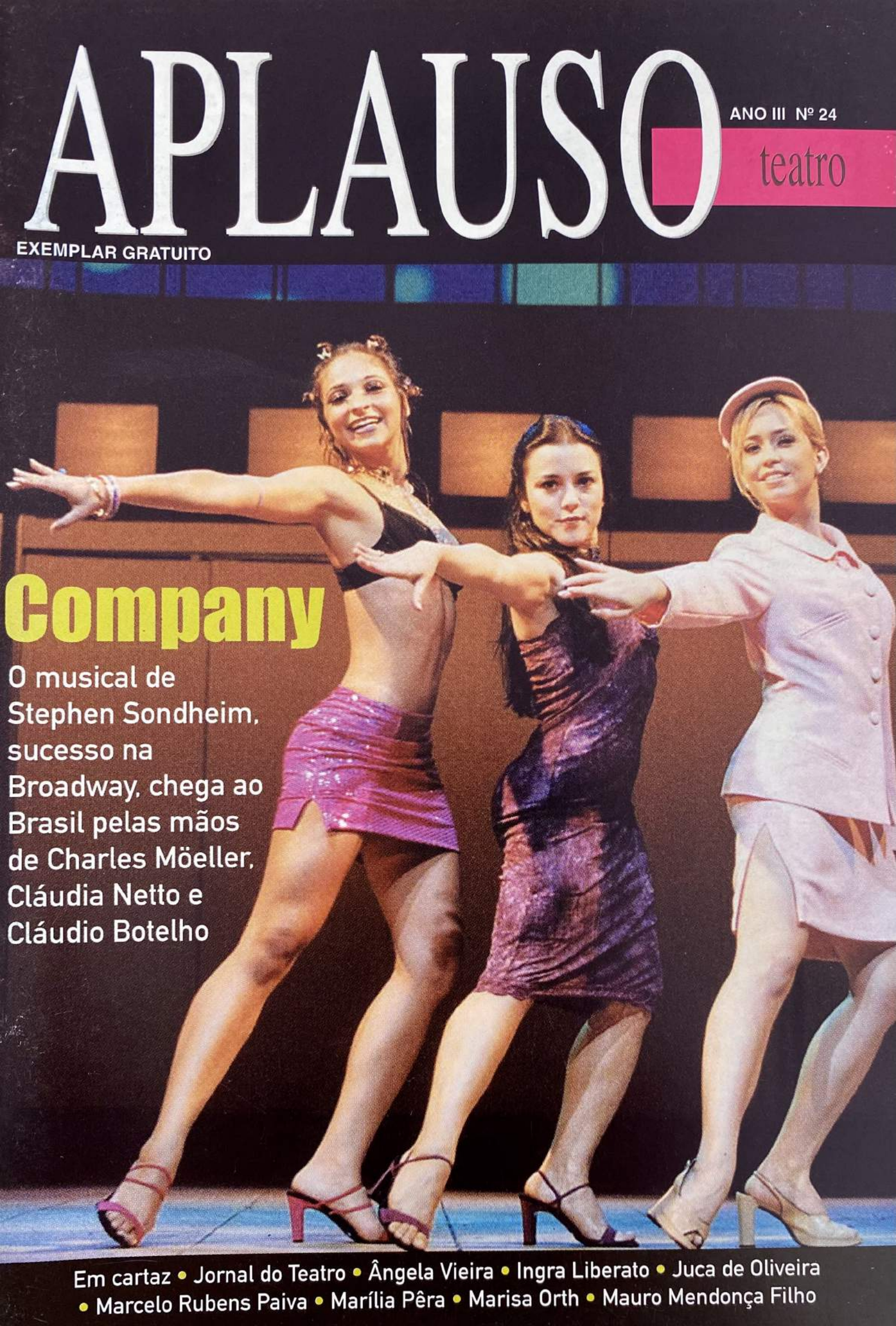
APLAUSO

ANO III Nº 24

teatro

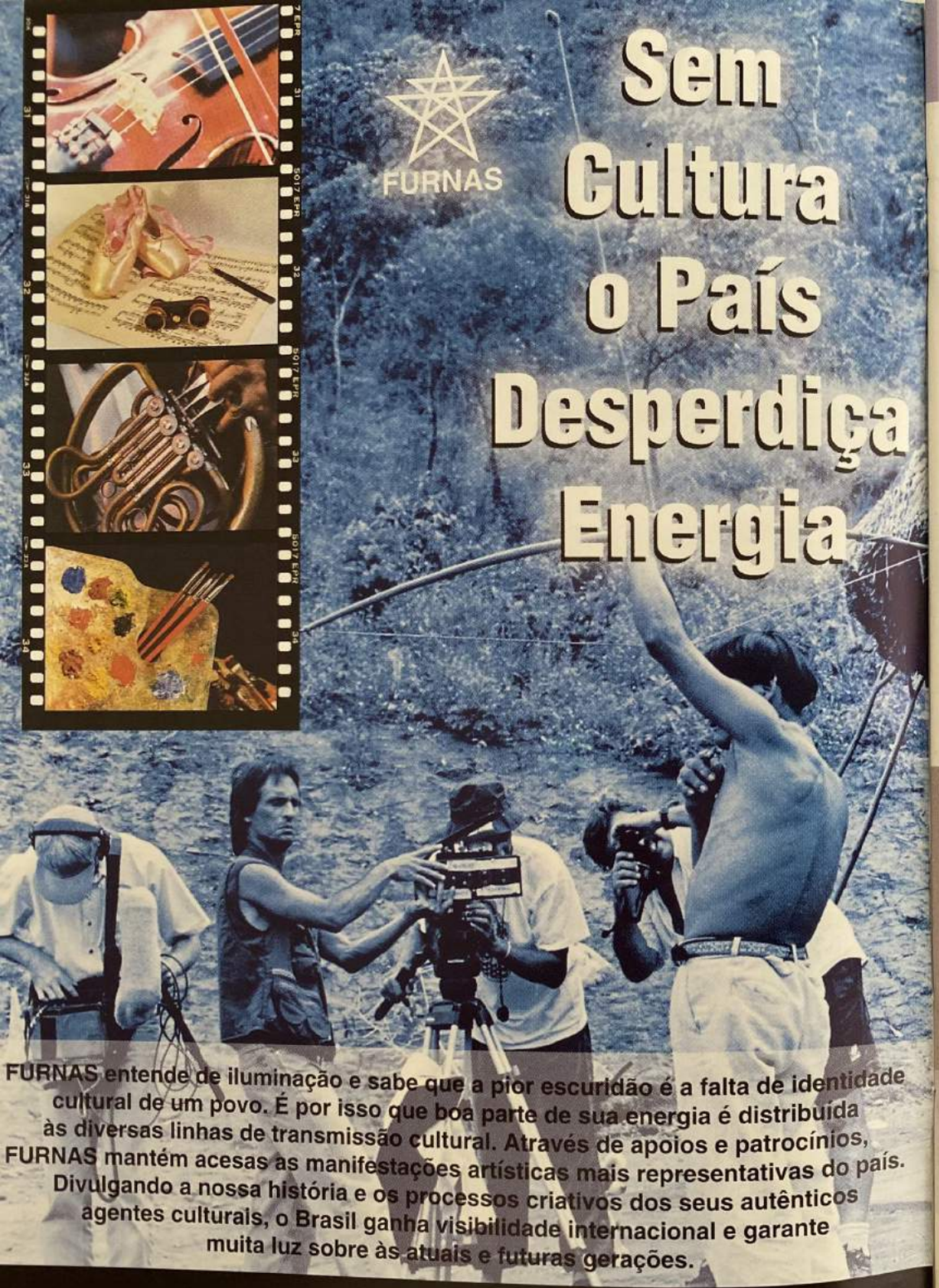
EXEMPLAR GRATUITO



Company

O musical de Stephen Sondheim, sucesso na Broadway, chega ao Brasil pelas mãos de Charles Möeller, Cláudia Netto e Cláudio Botelho

Em cartaz • Jornal do Teatro • Ângela Vieira • Ingra Liberato • Juca de Oliveira • Marcelo Rubens Paiva • Marília Pêra • Marisa Orth • Mauro Mendonça Filho



Pelos caminhos da voz

Durante minha trajetória profissional, percebi que precisava elaborar melhor minha maneira de falar, articular os sons, aprimorar minha forma de cantar. Desde 1964 venho estudando com adorados mestres. Pasquale Gambardella, René Talbat, Dona Fernanda Gianetti, o professor Eládio, Vera Maria do Canto e Mello.

Fiquei com a Vera por muitos anos e, por causa dela, conheci Marise Muller, fonoaudióloga extraordinária. Passei também por vários outros professores competentes, sem contar os que procurei em Nova Iorque, Paris, Londres.

No ano passado, assistindo *Cole Porter*, fiquei encantada com o modo de cantar de Alessandra Verney. Perguntei com quem ela estudava. A resposta: Mirna Rubin. E com Mirna me preparei para o show *Estrela Tropical*. Foi ótimo. Ela abaixou todos os tons e me pediu para cantar "como quem fala". Mas Mirna ganhou uma bolsa para estudar canto em Michigan, nos Estados Unidos.

Há anos tentava me aproximar de Eliane Sampaio, uma papisa do canto lírico. Antes de viajar, Mirna me apresentou Eliane. Juro que nunca ouvira anteriormente o que ela tem me dito: a gente canta com o coração e com as costas. Com Eliane me preparo para a nova temporada de *Estrela Tropical*, que vai viajar pelo Brasil, Estados Unidos e Europa, e também para *Vitor ou Vitória*, que estréio em agosto, em São Paulo. Como é que o teatro brasileiro ainda não acordou para a necessidade de preservação e embelezamento das cordas vocais de seus grandes atores?

Marília Pêra, fevereiro/março de 2001

Duende esperto

Quem nunca viu, quem acredita ou quem quer ver um duende, não pode perder a divertida história de *Zucker, Um Doce de Duende*, que consegue entrar escondido para comer todas as guloseimas da cozinha de Dona Sarí. O infantil de Valéria Medeiros, um conto de fadas moderno, está no teatro Miguel Falabella, com Leandro da Matta no papel-título. Leve a criançada.

Trilogia completa

Dando continuidade à bem sucedida parceria com o Teatro Vanucci, depois de *Salve Amizade* e *Coração Brasileiro*, Flávio Marinho estréia em agosto sua nova peça, *Um Dia das Mães*. Além de Eva Wilma, estão confirmados no elenco Marcelo Escorel e Sérgio Loroza.

Convidados VIPs

Nesta terceira temporada no Porão da Casa de Cultura Laura Alvim, de 2 a 25 de março, a comédia *Drama-Mini*, de José de Carvalho, terá como narradores-convidados os atores Othon Bastos, Milton Gonçalves e Stela Freitas.

Agenda lotada

Olhe quem está ao seu lado no teatro: pode ser a Malu Mader. A atriz, com Tony Belotto, está dando uma geral em todos os espetáculos, além de captar recursos para montar, no segundo semestre, a adaptação de Geraldo Carneiro de *Uma Peça Como Você Gosta*, de Shakespeare, em que alterna dois papéis, de mulher e de homem, mesmo personagem feito por Maria Padilha há 20 anos.

GOVERNO RJ Rio de Janeiro SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

MINISTÉRIO DA CULTURA

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)511-1390 e (21)511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte), Lúcia Tavares (diagramação), Maria Lucia Rangel e Eduardo Graça (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Artcor. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: Guga Melgar/divulgação.

Ângela Vieira

O show nunca termina

Ângela Vieira: 22 anos de carreira. 18 peças.

Meu primeiro contato com o palco foi através da dança. E foi muito precoce, eu tinha 5 anos. Meu professor era apaixonado pelo teatro. Ele indicava peças e minha mãe me levava. Portanto, foi como espectadora que me encantei pelo palco. Ao mesmo tempo, segui com minhas aulas de dança, fui para o Corpo de Baile e me formei em Dança, Comunicação Visual e Desenho Industrial. Queria, de algum modo, estar no meio das Artes. O ano era 1979 e eu havia decidido que merecia, depois de tantas formaturas, viajar para a Europa. Lá assisti a uma série de peças que me emocionaram muito. Pronto, estava decidido: eu ia ser atriz.

Resultado: em 22 anos de carreira, fiz 18 peças, quase uma por ano. Minha estréia foi com *A História é uma história*, do Millôr Fernandes, com direção do Jô Soares. E aí fui fazendo um monte de personagens, me deliciando com o que minha profissão tem de melhor - a possibilidade de fazer de conta que se é outra pessoa. Ou outras pessoas. Nós, atores, podemos sempre trazer alg de nossa própria personalidade para aqu les novos seres. Não consigo deixar de m encantar com isto. Diariamente.

Mas ser artista também é olhar para o f turo. E tenho medo. A Cultura, em nos país, não é um quesito primordial. Por iss lá se vai um ano que estou lutando para co seguir verba para um musical. Trata-se um resgate do Teatro de Revista dos an 40, com texto de Marcelo Saback. A prot gonista é uma vedete que morreu: seu te tro foi fechado e comprado pelos seguid res de uma seita, que decidem reencen uma peça dela na reabertura. E adivinha e quem a vedete reencarna? Na mulher pastor. E aí é que o espetáculo começa, p que o show nunca termina...

A Megera Domada

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Os onipresentes Catarina & Petruchio, que marcam presença na tevê e na Broadway, agora se apresentam no Teatro João Caetano. Eduardo Graça

Ela está na novela das seis, na adaptação *O Cravo e a Rosa*, voltou a ser sucesso na versão para a Broadway (*Kiss Me Kate*, de Cole Porter) e também chega aos palcos do Rio depois de uma vitoriosa temporada paulistana. Uma das comédias mais divertidas de William Shakespeare, *A Megera Domada* continua atraindo multidões. O motivo? Para além do fato de o bardo tratar como poucos temas universais, há zilhões de conexões possíveis entre o *imbroglio* de Petruchio & Catarina e os relacionamentos amorosos de nossos dias.

Dúvidas? Pois quem vem dando a receita é a atriz Marisa Orth, protagonista da peça. "O texto é indicado para os conquistadores de plantão. É uma história de uma mulher que é uma peste e de um homem que é ainda mais bravo do que ela. E de como ele consegue dobrá-la", vem contando a atriz para os que a questionam sobre a atualidade da obra. A história é conhecida: escrita entre 1590 e 1593, é um dos textos mais populares do repertório do bardo.

Bichinho de estimação

Lá está a eterna luta de poder entre o homem e a mulher. O cenário é a cidade renascentista de Pádua, na Itália. O forasteiro Petruchio (Otávio Muller) está em busca de um bom casamento, e as filhas solteiras de Batista Minola (Luís Damasceno) parecem ser as mais indicadas. A mais velha é a terrível Catarina (Marisa Orth), de língua afiada, impulsiva e decidida, mal-afamada por toda a cidade. Já Bianca (Betty Goffman), a mais nova, é doce e obediente, o sonho de todos os varões de Pádua.

Só há um porém: Batista Minola decidiu que só casa a mais nova depois que encontrar um marido para Catarina. Os pretendentes de Bianca - como o dândi Hortêncio (Ary França) e o romântico Lucêncio (Orã Figueiredo) - decidem então convencer Petruchio a se casar com Catarina. Mas vamos passar para o centro nervoso da peça. De um lado do ringue, Marisa Orth... Do outro, Otávio Müller. E a luta de Petruchio para domar Catarina, exatamente como um bichinho de estimação.

Novo personagem

A nova encenação de *A Megera Domada* tem tradução de Millôr Fernandes e adaptação de Geraldinho Carneiro. A dupla decidiu suprimir alguns personagens e criou Trickster (Paschoal da Conceição), digno representante da galeria de personagens shakespearianos. Espécie de bobo-da-côrte, ele funciona como uma espécie de narrador da peça. O elenco se completa com Candido Damm, na pele do esperto pagem de Lucêncio. O cenário é de Daniela Thomas (que assina a direção de arte) e a direção é de Mauro Mendonça Filho, que diz: "a encenação traz influências e referências que marcaram minha vida, como o cinema de Fellini, a chanchada brasileira, a magia do circo e a estética dadaísta. Mas, acima de tudo, a intenção principal é buscar a característica principal do teatro de Shakespeare: a comunicação".

Company

Pela primeira vez, o musical de Stephen Sondheim é apresentado na América Latina.

Por Maria Lucia Rangel

FOTOS: GUGA MELGAR/DIVULGAÇÃO

O maior compositor vivo da música popular americana, Stephen Sondheim, chega ao Brasil pelas mãos de um trio que tem levado aos palcos brasileiros o melhor da MPB e da música americana: Charles Möeller, Cláudio Botelho e Cláudia Netto. Aliados ao produtor Cláudio Magnavita, apresentam o musical *Company*, já com 30 anos de idade, mas considerado ainda hoje um dos mais importantes e originais da Broadway. No palco do Teatro Villa-Lôbos, 14 atores/cantores interpretam 15 canções acompanhados por uma orquestra formado por 12 músicos.

Stephen Sondheim, que completa 71 anos em março, mandou um bilhete pessoal para Cláudio Botelho falando da felicidade e excitação por estar sendo encenado no Rio de Janeiro: "Só não vou até aí porque estou envolvido com os ensaios de *Follies*, que volta à Broadway em março. Mas queremos que o público brasileiro tenha tanto prazer quanto eu e George (Furth, o libretista) escrevendo".

Cláudio Botelho é Robert, um solteiro que chega em casa depois de um longo dia e ouve os recados da secretária eletrônica. As mensagens anunciam ao público que ele está completando 35 anos naquele dia. Os cinco fiéis casais amigos e três namoradas contam a história do personagem, de poucas palavras, e suscita uma disputa pela sua amizade, inveja de sua solteirice e aprovação ou não de candidatas ao casamento.

"Há muitos anos tenho vontade de fazer *Company*. Cheguei a montar um espetáculo com Cláudia Netto, no Rio Jazz Club, o *Sondheim Concert*. Mas esta é a primeira vez que um de seus musicais é encenado na América Latina. Foi quando fiz 35 anos, no ano passado, revendo em vídeo a peça levada em Londres em 95, que comecei a acalentar o sonho de montá-la. Com o sucesso de Cole Porter (teve 50 mil espectadores em nove meses), as portas foram se abrindo."

Não é um espetáculo grandioso, pois é passado na cabeça de um personagem, mas tem uma montagem orçada em R$ 500 mil. O grupo tem o patrocínio da BR Petrobrás, da Rio Sul Linhas Aéreas e ainda o produtor associado Jorge Takla.

Ao pé da letra

Apesar de *Company* ter uma história universal, a situação é novaiorquina. O texto segue fiel ao original, só perdendo um pouco a cara dos anos 70 para se tornar atemporal.

"Ao fazer as versões das letras para o português fui bastante fiel ao espírito original, pois não posso sair da história, ao contrário do espetáculo sobre Cole Porter, uma revista onde pude levar a letra para onde quisesse. Em *Company*, por exemplo, uma personagem chamada April é confundida com June. Na tradução o nome passou a ser Susie, confundida com Barbie", diz Cláudio.

No cenário de dois andares concebido pelo também diretor Charles Möeller, circulam Cidália Castro, Cláudia Netto, Daniel Boaventura, Doriana Mendes, Mauro Gorini, Patrícia Levy, Paulo Mello, Raul Serrador, Reginah Restelieux, Ricca Barros, Sabrina Korgut, Solange Badim e Totia Meirelles. Cláudio Botelho é o protagonista, tradutor e diretor musical.

Charles Möeller, Cláudia Netto e Cláudio Botelho

Cláudia Netto, que faz Amy, uma das principais personagens da história, parceira de Botelho há mais de 10 anos, é a responsável pelos momentos de relaxamento do amigo durante a peça: "Só de nos olharmos já sabemos se um não está bem ou vice-versa. É uma tranqüilidade."

Há dois meses o elenco vem enfrentando um verdadeiro tour de force, com aulas de dança, canto e jiu-jítsu. Os atores Solange Badin e Daniel Boaventura se prepararam para a luta de Jiu-jítsu – no original era caratê – tomando aulas com o professor José Henrique Leão Teixeira. Mas, apesar dos sete prêmios Tony e o New York Drama Critics Circle Award de Melhor Musical, recebidos em 1970, o espetáculo não tem efeitos especiais e grandiosidade. O segredo é exatamente o oposto: simplicidade, excelente música, bons cantores, letras inteligentes e um ritmo frenético de entradas e saídas durante duas horas. *Company* tem coreografia de Renato Vieira, iluminação de Paulo César Medeiros (trabalharam com Möeller e Botelho em *Cole Porter*, *Ô Abre Alas* e *As Malvadas*) e figurinos do português Antonio Augustus, responsável também pelos figurinos de *Cole Porter*.

PROJETO MULTISHOW DE INCENTIVO AO TEATRO

multishow

O canal entre o teatro e o público brasileiro.

O **Multishow**, como o canal pioneiro no incentivo ao teatro brasileiro, está selecionando peças para o **Projeto Multishow de Incentivo ao Teatro.**
O Projeto conta com a cobertura de leituras, ensaios e estréias; produção de *making ofs*; exposição na mídia nas principais capitais; apoio do lançamento no **Multishow em Revista** e divulgação no **Multishow News.**

Envie o seu projeto:
Rua Itapiru, 1209/sala 421 Rio Comprido
20251-032 Rio de Janeiro RJ
ou marketingmultishow@globosat.com.br.

www.multishow.com.br
Para assistir ao Multishow, assine
NET 0800-992211 ou SKY 0800-172728

multishow
CANAL GLOBOSAT

Viagem ao Centro da Terra

Mais que uma peça, uma aventura para o público... mas só para os corajosos.

Por Eduardo Graça

Como seria uma peça de teatro concebida por um arquiteto e um artista plástico? Os amigos Ricardo Karman e Otávio Donasci respondem a questão na megaprodução *Viagem ao Centro da Terra*, espetáculo interativo e sensorial. Ou, como a dupla prefere definir, uma 'expedição experimental multimídia'.

Durante quase duas horas, o público (no máximo, 55 pessoas) divide com os 25 atores a ação da peça. Pega-se um ônibus vedado, toma-se banho nu, engatinha-se por túneis de plástico, experimenta-se de (quase) tudo. Mas ninguém precisa se preocupar. Só paga mico quem quiser. "Nós distribuímos duas fitas no começo do espetáculo, antes de as pessoas entrarem no ônibus. Quem escolher a fita verde participa do espetáculo ativamente, os que preferirem a vermelha serão mais passivos. Mas o legal é mergulhar de cabeça na proposta do espetáculo", diz Ricardo.

E a proposta é mesmo radical. Tudo começa na Avenida Pasteur, na Urca, quando o público embarca em um veículo adaptado, com as janelas fechadas e cobertas por plástico negro. Pelo Aterro do Flamengo, o ônibus chega até um dos armazéns do Cais do Porto, na área da Praça Mauá. Ali ergue-se uma impressionante estrutura cênica, para que todos iniciem a expedição rumo ao centro da Terra.

Não que se siga ao pé da letra o texto de Júlio Verne, que imaginou uma expedição em que, depois de vulcões e perigos mil, um novo mundo é encontrado no centro geológico do planeta. "Este não é um espetáculo guiado pelo texto. Trata-se de um espetáculo não-verbal, que aposta todas as fichas no despertar de sensações do público e do elenco", informa Ricardo. Mas os modernos Indiana Jones da Urca poderão reconhecer, durante o percurso, citações do próprio Verne, de Dante Alighieri, Guimarães Rosa, Borges e de textos da mitologia grega. Há também a bela poesia "Ítaca", do grego Konstantinos Kafávis.

"Todos os textos falam, de alguma maneira, do mito do herói", diz Ricardo. Não por acaso, uma das grandes influências na concepção do espetáculo é a obra do mitólogo Joseph Campbell, especialmente "O Herói de Mil Faces", em que ele propõe uma estrutura comum para todos os 'heróis': a separação (quando ele sai de seu mundo), a iniciação (quando abraça o desconhecido) e o retorno (quando apreende e aprende o novo e volta para narrar seus feitos). Adivinha quem será o herói da peça?

Acertou quem apostou no público. Descalços no chão repleto de areia, tomando banho de água fria na hidroinstalação e andando por túneis claustrofóbicos, o moderno herói de *Viagem ao Centro da Terra* mostra que "No Limite" é algo para os que preferem ficar sentados na poltrona, excitados com o controle remoto. Você encara?

Qualquer gato vira-lata tem uma vida sexual mais sadia que a nossa

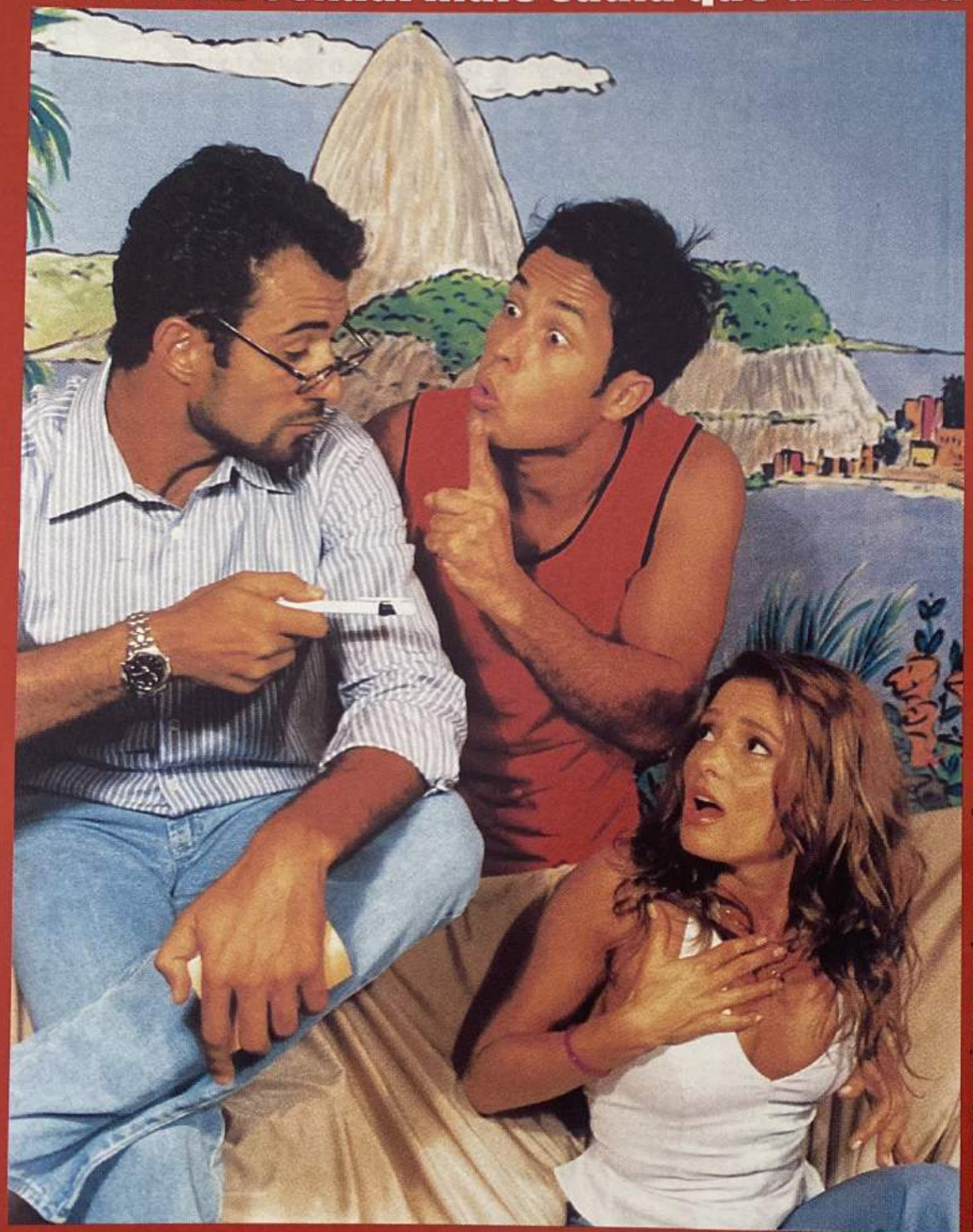


FOTO: MARCO ANTÔNIO GAMBÔA / DIVULGAÇÃO

Por que os jovens cometem tantos enganos em seus relacionamentos? Darwin explica...

Por Maria Lucia Rangel

Juca de Oliveira escreveu *Gato Vira-Lata* depois de observar longamente o comportamento amoroso dos jovens, auxiliado pela convivência com sua filha e os amigos dela que freqüentavam sua casa em São Paulo e a fazenda em Itapira. Intrigado pelos erros cometidos pelos jovens de ambos os sexos e sem conseguir impor sua experiência através de conselhos, resolveu escrever. Talvez, lendo ou assistindo uma peça, alguém levasse em consideração seu ponto de vista. Resultado: esta é a mais recente comédia do autor e ator, que estréia no Teatro Vannucci dirigida por Bibi Ferreira e tendo como protagonista a também produtora Rita Guedes, junto com Hiram Ravache.

"Não acho razoável que alguém se atire ao telefone ao primeiro toque, dando a impressão que está em total disponibilidade", diz Juca. "Principalmente quando se sabe que os homens são caçadores e valorizam suas presas na razão direta das dificuldades da conquista. Também me parece óbvio uma roupa extravagante demais ou um visual insinuante e agressivo, quando se sabe que o recato é um forte elemento de atração sexual. Quando comecei a pesquisar o tema fui surpreendido. Os erros não faziam parte de nada ligado à psicologia social, mas à biologia. Especialmente ao evolucionismo de Darwin, à evolução e adaptação das espécies."

Juca admite que também foi ajudado por sua origem caipira, seu longo contato com os animais e a observação do seu comportamento.

Se a comédia é uma ficção, o tema é real. A história gira em torno da bela Tati (Rita Guedes). Após um de seus "definitivos" rompimentos semanais com o namorado Marcelo (Roger Gobeth), ela vai derramar lágrimas no auditório da UERJ e acaba assistindo à palestra de um biólogo sobre o evolucionismo de Darwin. Para seu espanto, o jovem cientista Conrado (Marcos Pasquim) elucida o porque das desventuras amorosas das pessoas: homens e mulheres não se entendem porque leis biológicas vêm sendo transgredidas ao longo da história. Tati convence o professor a ajudá-la na reconquista de Marcelo e faz um curso intensivo de como conquistar a paixão dos homens. Tudo à luz da psicologia de Darwin.

Gato Vira-Lata estreou em São Paulo em outubro de 98 e lotou o Teatro Bibi Ferreira durante um ano e sete meses, recebendo o Prêmio Apetesp 99 de melhor autor e indicações de Melhor Atriz para Rita Guedes, Melhor Trilha Sonora e Cenário. A primeira é de Aline Mayer. Os cenários são de Renato Scripilliti.

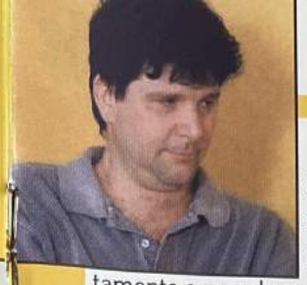
"Claro que muitos hão de confundir as teses do personagem com posições machistas, quem sabe até anti-feministas", diz Juca. "Mas estou falando apenas do biologicamente desejável, do que é fundamental na transmissão do gene, o alvo mais importante do ser vivo, ao qual sucumbem as demais ações e prioridades." Uau! Vale conferir.

Mais-que-imperfeito

Aline que é casada com Kito que se apaixona por Laura que só quer saber de Rui... Os casais são o tema da "quadrilha" de Marcelo Rubens Paiva.

Por Eduardo Graça

O caminho não é nada óbvio. E a curiosidade é lógica: o que faz Marcelo Rubens Paiva - autor do best-seller "Feliz Ano Velho" - a escrever regularmente para o teatro? Nos últimos dois anos, ao mesmo tempo em que anunciou o fim de um ciclo ("Não escrevo mais romances. Sinto como se fosse um velho de 60 anos em um corpo de 40"), passou a escrever peças sobre os relacionamentos entre homens e mulheres de sua geração. Depois de *E aí, Comeu?*, o público carioca pode conferir, a partir de 8 de março no Teatro do Leblon, *Mais-Que-Imperfeito*, repetindo a parceria de Marcelo com Rafael Ponzi (direção) e contando com Ingra Liberato, Tato Gabus Mendes, Antônio Gonzalez e Clara Garcia no elenco.



Ops! Mas Marcelo ainda não respondeu nossa questão. "O que me atrai no teatro é exatamente o paradoxo de se estar lidando com uma arte distante da linguagem virtual, do 'muderno'. Aliás, acho que estamos em um momento de esgotamento desta narrativa pós-moderna. Fico lembrando do videoclipe, quando todo texto tinha uma 'estrutura de clipe', com imagens rápidas. Isso cansa! Eu quero mais é contar histórias", diz.

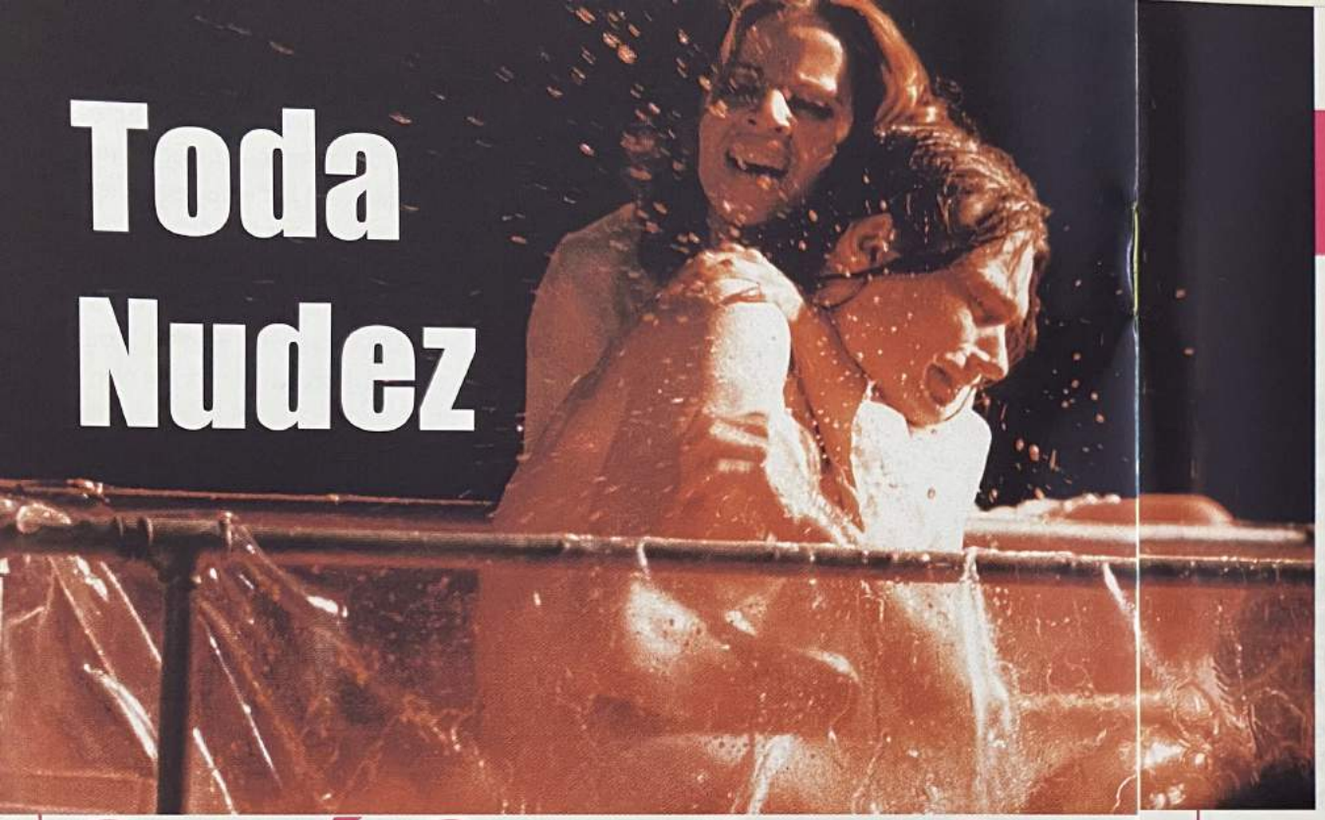
Teatro naturalista

Mais-Que-Imperfeito reúne tipos que poderiam estar sentados conosco na mesa do bar ou atravancando a fila do banco. São quatro personagens retirados do cotidiano de qualquer grande cidade brasileira. "Gosto de mostrar o que está acontecendo comigo e com os meus amigos da forma mais divertida possível. Meu teatro é naturalista, até conservador de tão naturalista. É que eu não vou pela linha do Gerald ou do Antunes, que trabalham com a desconstrução do texto. Respeito muito essa linha de pensamento, mas nas minhas peças as únicas invenções estão justamente no texto".

Os que forem conferir o espetáculo vão se deparar com Kito (Gonzalez), Aline (Clara), Rui (Tato) e Laura (Ingra). Kito está em plena crise de meia-idade e, na melhor linha de *Peggy Sue - Seu Passado à Espera*, deseja olhar para o passado, precisando conferir se fez as opções corretas em sua vida. Ao mesmo tempo em que se depara com o tédio no casamento com Aline, reencontra Laura, antiga paixão. O circo está pegando fogo. Mas o incêndio só é deflagrado quando Laura se apaixona...por Rui, o vizinho e melhor amigo de Kito! "Se em *E aí, Comeu?* pus no palco homens falando de mulher, agora são casais falando de casais. E terminei esta semana *Closet Show*, o fim de uma trilogia sobre relacionamentos, em que as mulheres falam dos homens", conta Marcelo. Agende-se!

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Toda Nudez Será Castigada



Nelson Rodrigues e a trágica história de Geni, um de seus clássicos.

Por Maria Lucia Rangel

O drama da prostituta de luxo Geni, do rico e casto viúvo Herculano e de seu filho Serginho, garoto virgem de 18 anos, volta aos palcos cariocas, desta vez dirigida pela paulista Cibele Forjaz, na montagem que estreou em São Paulo ano passado e foi indicada ao prêmio Shell nas categorias Melhor Direção e Melhor Atriz, este para Leona Cavalli como Geni. *Toda Nudez Será Castigada*, de Nelson Rodrigues, estará no Teatro SESC Copacabana a partir de 15 de março, por apenas duas semanas.

Um profundo estudo da dramaturgia rodrigueana antecedeu a montagem da peça. Palestras com o crítico Sábato Magaldi e o escritor Ruy Castro, além de oficinas, leituras dramáticas e leituras de crônicas e ensaios do autor, fizeram parte da preparação da equipe técnica e dos oito atores do elenco. Tanto Cibela como Leona já têm intimidade com Nelson Rodrigues. A primeira havia dirigido a atriz em *Álbum de Família* há dois anos e meio. Para viver Herculano, o viúvo com conceitos rígidos de vida que se envolve com a prostituta provocando uma tragédia, foi convidado o ator Hélio Cícero, que aceitou estimulado pela fidelidade da diretora ao texto original. "O verdadeiro diretor é o que consegue realizar o que está no texto", diz ele.

A história de Geni, que recebe de Patrício a proposta de seduzir e casar-se com Herculano, seu irmão milionário, nasceu com o impacto sofrido por Nelson Rodrigues ao saber da morte de Marilyn Monroe, em 62. Um possível suicídio da atriz aliado às lembranças da famosa fotografia de Marilyn nua, publicada num calendário no início de sua carreira, inspiraram o dramaturgo, apesar de o roteiro da peça não ter nada a ver com o motivo que o levou a escrevê-la.

É Geni morta quem narra a tragédia, através de uma fita gravada que deixa para Herculano contando seu drama. A partir da narração de Geni, o viúvo vai recriando a história: o virgem Serginho (Vadim Nikitin) por quem a prostituta se apaixona, o endividado e inescrupuloso Patrício (Gustavo Machado) e as três tias solteironas interpretadas por Mila Ribeiro, Tatiana Thomé e Déborah Lobo. O elenco tem ainda Edgar Castro.

A crítica paulista se entusiasmou com a montagem. Beth Néspoli, do jornal *O Estado de São Paulo*, escreveu que "a direção de Cibele, aliada ao ótimo elenco, consegue recriar a atmosfera de exacerbação dos sentidos proposta pelo autor". Alberto Guzik, do *Jornal da Tarde*, chama a atenção para o trabalho da protagonista: "Leona Cavalli está esplendorosa, atira-se com impressionante garra, impõe-se, esbanja presença de cena, é uma estrela". Agora é a vez dos cariocas...

FOTOS: LENISE PINHEIRO / DIVULGAÇÃO

A Máquina

Romance de Adriana Falcão sobre um rapaz nordestino que dá o mundo de presente à namorada. Adaptado para o teatro por João Falcão. Com Gustavo Lago, Karina Falcão. **Teatro Casa Grande** (Av. Afrânio de Mello Franco 290, Leblon). Fone: 239-4046. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui., sex. e dom.). R$25 (sáb.).

A Megera Domada

Adaptação do clássico de Shakespeare, com Marisa Orth e Otávio Müller. Direção de Mauro Mendonça Filho. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes, s/n, Centro). Fone: 221-1223. Quinta a domingo. Preço e horário a definir.

A Mulher Sem Pecado

Primeira peça de Nelson Rodrigues. A história de Olegário e seu ciúme pela mulher, bem mais jovem que ele. Direção de Luiz Arthur Nunes. Elenco: José de Abreu, Luciana Braga, Wanda Lacerda. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon** (Rua Conde de Barnadote, 26, Leblon). Fone: 274-3536. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

A Resistível Ascensão de Arturo Ui

Nova encenação do texto escrito em 1941 por Bertolt Brecht. Parábola sobre a ascensão de Adolf Hitler ao poder na Alemanha. Direção de Moacir Chaves. Com Luiz Fernando Guimarães. **Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Fone: 3808-2020. De quarta a domingo, 19h, R$ 10. Até 8 de abril.

Alarmes

Comédia do inglês Michael Frayan sobre a incomunicabilidade no mundo moderno, apesar dos avanços da tecnologia. Direção de Moacyr Góes. Com André Vali, Cristina Pereira, João Camargo e Isabela Garcia. **Teatro das Artes** (Rua. Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone:540-6004. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.)

Alta Sociedade

Juntos depois de 30 anos, Fernanda Montenegro e Ítalo Rossi interpretam um casal aristocrata e intelectual, na peça escrita e dirigida por Mauro Rasi especialmente para os dois. **Teatro Scala** (Av. Afrânio de Mello Franco, 296, Leblon). Fone: 239-4448. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$30 (qui., sex. e dom.), R$40 (sáb.). Até 18 de fevereiro, voltando dia dois de março.

Amante S.A.

Comédia de John Chapman e Dave Freeman sobre as confusões na casa de uma mulher com dois amantes. Tradução e adaptação de João Bethencourt. Direção de Cyrano Rosalém. Elenco: Cristina Prochaska, Hélio Ribeiro, Roberto Frota. **Teatro Rubens Corrêa** (Rua Prudente de Moraes 824, Ipanema). Fone: 523-9794. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Cole Porter – Ele nunca disse que me amava

Musical sobre a vida do compositor americano. Texto e direção de Charles Möeller. Com Ada Chaseliov, Alessandra Verney. **Café Teatro Arena** (Rua Siqueira Campos, 143, Copacabana). Fone: 235-5348. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$25 (qui., sex. e dom.) e R$30 (sáb.). Até 18 de fevereiro, voltando dia 29 de fevereiro.

Company

Comédia musical de Stephen Sondheim, que recebeu sete prêmios Tony quando estreou, em 1970. Direção de Charles Möeller. Com Cláudio Botelho, Cláudia Netto e mais 12 atores/cantores. **Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 541-6799. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$25 (qui. sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Drama-Míni

Comédia de José de Carvalho (que também dirige com Thereza Piffer misturando elementos de radionovela, telenovela, dramaturgia e sitcom, contendo três episódios independentes apresentados sextas, sábados e domingos, respectivamen

te. Elenco: Anna Witgen, Caco Monteiro, Joca D'Ávila. **Porão da Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto 176). Fone: 267-1647. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$15.

Eu Sou mais Nelson

Reestréia do festejado espetáculo do Grupo Alice 118, uma colagem do universo rodriguiano que foi a sensação da penúltima edição do Festival de Teatro de Curitiba. Concepção e Encenação de Ana Kfouri. **Espaço Cultural Sérgio Porto** (Rua Humaitá, 163). Fone: 266-0896. Terça a quinta, 21h. R$ 10. Até 22 de fevereiro.

Mais-Que-Imperfeito

O autor volta a tratar do relacionamento entre homens e mulheres de sua geração, com um texto bem-humorado. De Marcelo Rubens Paiva. Com Ingra Liberato e Tato Gabus Mendes. Direção de Rafael Ponzi. **Teatro do Leblon** (Rua Conde de Bernadote, 26, Leblon) . Fones: 274-3536/511-2791. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20 (qui, sex, dom) e R$ 25. (sáb.). De 8 de março a 13 de maio.

Maria Vai com as Outras

Texto de Dario Fo enfocando o comportamento feminino. Direção de Ana Paula Arantes. **Teatro Museu da República** (Rua do Catete, 153). Fone: 285-6350. Sexta e sábado, 20h. Domingo, 19h. R$15. Até 1 de abril.

Nojo!

Comédia musical de Marcos André Temporani, com direção de Joaquim Vicente. Com muito deboche e alegorias, o autor mostra como a competição do capitalismo neo-liberal só pode levar países subdesenvolvidos como o Brasil a um desfecho mortal. **Teatro Museu da República** (Rua do Catete, 153). Fone: 285-6350. Sexta e Sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$ 15,00. A partir de 9 de março.

O Avarento

Um dos clássicos de Molière ganha uma divertida versão feita especialmente para comemorar os 80 anos de idade de Jorge Dória, um de nossos maiores comediantes. Tradução e direção de João Bethencourt. Com Jorge Dória e Ida Gomes. **Teatro SESI** (Graça Aranha, 1 - Centro). Fone: 563-4163. De quinta a domingo, 19h30. Sábado, 20h30. R$ 15. Até 25 de março.

O Lavrador de Palavras

Espetáculo baseado nos poemas de Mano Mello, dirigido e apresentado pelo próprio poeta, que já mostrou o trabalho há dois anos. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 267-7295. De sexta a sábado, 21 h. Domingo, 20h. R$ 10. Estréia dia 9 de março.

Pequeno Dicionário Amoroso

Itinerário sentimental dos personagens, em verbetes que vão de A a Z. Direção e concepção de Jorge Fernando. Elenco: Cláudia Jimenez e Ernâni Moraes. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-9895. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.), R$30 (sáb.).

Qualquer Gato Vira Lata tem a Vida Sexual mais Sadia do que a Nossa

A mais recente comédia de Juca de Oliveira mostra como conquistar a paixão à luz da psicologia de Darwin. Direção de Bibi Ferreira. Com Rita Guedes, Marcos Pasquim e Roger Gobeth. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-7246. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 19h. R$20 (sex.), R$25 (qui. e dom.) e R$30 (sáb.).

Tia Zulmira e Nós

Musical que busca recuperar a verve especialíssima de Sérgio Porto, o saudoso Stanislaw Ponte Preta. O texto é de João Máximo, a direção de Aderbal Freire-Filho. No elenco, Sueli Franco, Claudio Mendes, Augusto Madeira, Claudio Lins e Beth Lamas. Músicas especialmente compostas por Cristóvão Bastos e Aldir Blanc. **Teatro II do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Fone:

3808-2000. De quarta a domingo, 19h30. R$ 10. Até 25 de março.

Toda Nudez Será Cstigada

A peça de Nelson Rodrigues reúne a prostituta Geni e o viúvo milionário Herculano na história que termina em tragédia. Direção: Cibele Forjaz. Com Leona Cavalli, Hélio Cícero, Gustavo Machado. **Teatro SESC/Copacabana** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 548-1088. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$12. Estudantes e comerciários, R$6.

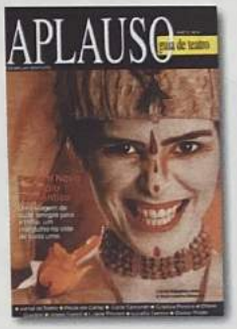
Tudo no Escuro

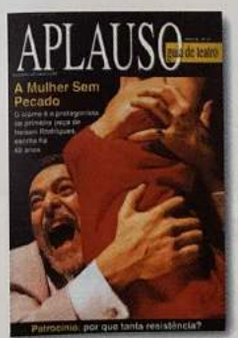
Comédia de situação do inglês Peter Shaffer. Direção de Marcus Alvisi. Elenco: Sylvia Bandeira, Juliana Teixeira, João Vitti, Maria Maya, Rubens de Araújo, Leandro Hassum e Marcelo Escorel. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 267-1647. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Viagem ao Centro da Terra

Espetáculo interativo em que o público é convidado a participar de um jogo, um moderno e divertido RPG que busca o que o teatro tem de mais primitivo: o despertar das sensações. Direção e concepção de Ricardo Karman e Otávio Donasci. Com Renato Reston, Walter Rosa. **Armazém da Cultura e Cidadania** (Cais do Porto, Centro). Fone: 223-1038. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 31,00 (qui), R$ 41 (sex. a dom.). Até abril. Capacidade de 55 pessoas por espetáculo e saída do **Museu de Ciências da Terra,** na Avenida Pasteur, Urca.

Colecione, assine!





Enviamos para todo o Brasil

Assinatura semestral R$ 18

Maiores informações
Tel.: (21) 511-5344 / 511-1390
ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

Anjinhos do barulho

FOTOS: CLÁUDIA BRULHER/DIVULGAÇÃO

Três anjos e uma só missão: ensinar o amor e a diferença entre o certo e o errado.

Por Maria Lucia Rangel

O musical infantil *Anjinhos do Barulho*, escrito e dirigido por Bennet Souza e Frederico Reder, começa da maneira mais atual possível. Uma estudante do primeiro grau, Vitória, é assaltada a caminho da escola. Os ladrões levam sua mochila com todos os livros. Assustada, ela procura ajuda entrando na primeira porta que aparece e se vê no picadeiro de um circo, ainda vazio. A partir daí, os outros três personagens aparecem e tem início o musical. O grupo está no Teatro Vannucci - sábados e domingos, 16h30 - depois de viajar por várias cidades do Rio de Janeiro dentro do projeto-escola, sempre com a maior receptividade por parte do baixinhos.

Bennet é autora, diretora e atriz e chegou a ficar seis anos fora do país apresentando o espetáculo *Alegria de Viver* pela América do Sul, em espanhol. Foi ela quem, há sete anos, convidou Frederico para atuar. Sem nunca ter feito teatro, ele estreou como ator em *A Chave Mágica*, fazendo em seguida *A Magia do Saber*.

"Acima de tudo, é importante formar a platéia", diz Frederico. "Me sinto contribuindo para os espetáculos do futuro. Quando a criança assiste uma peça de qualidade, ela volta. Também é importante deixar uma mensagem, no caso de *Anjinhos do Barulho*, do que é certo e errado."

Amor e ecologia

Vitória, interpretada por Maria Rocha, acorda no picadeiro ao lado de duas figuras coloridas vestidas de palhaço: Sabid (Frederico Reder) e Felicí (Cecília Vaz). Na verdade, são anjos disfarçados, que cantam e se apresentam. A menina explica que roubaram seus livros e que, no dia seguinte, ela tem prova de ecologia e não poderá estudar. Diz ainda que está preocupada com a agressão ao planeta. Os anjos, que não conhecem a palavra "agressão", procuram seu significado no dicionário e explicam que a única forma de acabar com isso é o amor, pois as pessoas preservam o que amam. Dessa maneira as crianças vão entendendo princípios básicos da vida.

"Até uma vilã aparece, Malvina, personagem da atriz Norma Crespo", conta Frederico. Malvina é revoltada porque, ao atender dois mendigos que pediam comida, viu sua família ser massacrada por eles. Os anjos recuperam seu amor ao próximo através de Vitória, que a convida para morar com ela. Só no final as duas vão descobrir que estavam conversando com anjos disfarçados. "É comovente ver a reação das crianças", confessa o ator e diretor. Para os baixinhos e os altinhos sensíveis também.

O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para a cultura: **CEE - Centro de Eventos Empresariais** da Bolsa do Rio. O **CEE** é o local ideal para você ficar sempre ligado nas últimas tendências da arte.

CEE da Bolsa do Rio: mantendo a cultura sempre em alta.

Praça XV de Novembro, 20
Telefone: (021) 514-1069
www.bvrj.com.br

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

não perca

O espectador gostou, assistiu e indica

Drama-míni

"É uma experiência fantástica para o ator, achei completamente inovador. O texto é excelente. Também recomendo porque é muito bom observar um grupo tão unido dividindo o palco. Corram para lá rapidinho!"

Rita Guedes, atriz

Arturo Ui

"O espetáculo é muito bacana. Fui prestigiar alguns amigos que fazem parte do elenco e fiquei surpresa com a peça. Além dos atores darem um show, é fácil perceber que a direção é bárbara! Meus parabéns ao Moacir Chaves"

Patricia Travassos, atriz

Tia Zulmira e nós

"Um espetáculo encantador! Principalmente porque possui um naipe de músicos de causar inveja. E as composições são sensacionais. Tem de conferir este excelente trabalho de Aldir Blanc."

Lucinha Lins, atriz

Cole Porter - Ele nunca disse que me amava

"Uma celebração ao talento de Cole Porter! As atrizes/cantoras são excelentes e a direção de Charles Moeller é fantástica."

Denise Milfont, atriz

Mário Lago em
O Neto de Deus. de
Joracy Camargo. 1942

INGLÊS **FISK** ESPANHOL

50% DE DESCONTO
DURANTE UM ANO

MATRÍCULA:
2KG DE ALIMENTO
NÃO PERECÍVEL

MATRICULE-SE JÁ!

JLG

• BOTAFOGO	• LARANJEIRAS	• HUMAITÁ
Rua Gal. Góes Monteiro, 70	Rua das Laranjeiras,125	Rua Capistrano de Abreu, 12
Tel.: 295-8698	Tel.: 285-0621	Tel.: 538-1386

www.fiskbotafogo.com.br

SE É ASSIM
QUE VOCÊ GOSTA DE VER CINEMA,
GARANTA LOGO O SEU LUGAR.

Petrobras cinema

PETROBRAS CINEMA. PRIMEIRA SELEÇÃO DE FILMES DE CURTA-METRAGEM.

O Petrobras Cinema é um dos programas que a Petrobras está criando para aprimorar e democratiza seu patrocínio às diversas áreas culturais. Com ele, a empresa está apoiando a produção e a exibiçã de filmes de curta-metragem para a formação de público e o desenvolvimento da cultura cinematográfica brasileira. Está sendo lançada a primeira seleção de projetos para produção de filmes de curta-metragem do Petrobras Cinema. As obras devem ser inéditas, feitas ou finalizadas em 35mm e com duração máxima de 15 minutos. Se você faz da vida um filme, inscreva logo o seu projeto.

Entrega dos projetos até 9 de março de 2001. Para obter o regulamento, consulte o site www.petrobras.com.br ou ligue para 0800-789001. Informações adicionais pelo e-mail cinema@petrobras.com.br

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA

BR PETROBRAS

GOVERNO FEDERAL
Trabalhando em todo o Brasil